

Dificuldades e desafios na formação de profissionais de Enfermagem

Condições de trabalho e baixo investimento em formação levam à escassez internacional de profissionais de enfermagem

Por Leonardo Dias

Um estudo global do Conselho Internacional de Enfermagem (ICN) mostra que 90% das entidades nacionais desta categoria estão preocupadas que o estresse e as más condições de trabalho agravadas pela pandemia levem a mais abandono da profissão.

O ICN avaliou que 13 milhões de novos profissionais precisam ser treinados para garantir a prestação de serviços de saúde no futuro. A situação é mais aguda nos países em desenvolvimento, que enfrentam uma "fuga de cérebros" - a migração de profissionais qualificados para países mais ricos, onde os salários são mais altos.

Em evento da ANAHP, dados apresentados por Silvia Cassiani, Assessora Regional de Enfermagem e Técnicos da Saúde da Organização Panamericana de Enfermagem, mostraram que até 2030 o setor enfrentará uma escassez global de 10 milhões de profissionais, "os enfermeiros respondem por 50% do número".

Cassiani alertou que a escassez de mão de obra será grande em áreas remotas já assoladas pelo problema, enfatizando a necessidade de "alinhar a formação às necessidades específicas de cada comunidade". Especialistas dizem que as aulas devem ser relevantes para as necessidades locais de saúde e a educação deve ser promovida na região para formar profissionais com maior probabilidade de permanecer na região.

Para complicar as coisas, a pandemia está levando as pessoas a evi-

tar profissões de saúde. Vania Rohsig, diretora de enfermagem do Hospital Moinhos de Vento, disse que antes da Covid-19, a taxa de rotatividade de pessoal de enfermagem da organização era de 12% a 15%, e agora varia de 25% a 28%. "Muitos deles não foram para outras agências, simplesmente desistiram da profissão", explicou. Cassiani acrescentou que 4% da força de trabalho global de saúde planeja se aposentar ou iniciar uma carreira em outro campo depois de enfrentar uma emergência de saúde de dois anos.

A Revista Nursing trouxe alguns especialistas na formação de profissionais de Enfermagem para entender o problema. Conversaram conosco:

- **Rosimere Santana**, Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Enfermagem Assistencial (MPEA);
- **Sérgio Henrique Simonetti**, Coordenador do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia;
- **Edison Barlem**, Diretor da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande - FURG;
- **Gilvan Brolini**, Coordenador da Câmara Técnica de Educação e Pesquisa do Cofen;
- **Andréa Mohallem**, coordenadora do curso de graduação em enfermagem e dos mestrados profissionais da Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein;
- **Vanessa Pellegrino**, Coordenadora do curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UNICAMP.

“

O ICN avaliou que 13 milhões de novos profissionais precisam ser treinados para garantir a prestação de serviços de saúde no futuro.

”



Rosimere Ferreira Santana

Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Federal de Goiás (2000), Mestrado em Enfermagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2004), Doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007) e Pós-doutorado pela Universidade Federal do Ceará (2012). Atualmente é Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Enfermagem Assistencial (2019-2022).

Revista Nursing: Quais os maiores desafios na formação de profissionais de Enfermagem?

Rosimere Santana:

Um dos maiores desafios na formação de profissionais de Enfermagem é romper com a dissociação teoria-prática, ocorre uma necessidade de aplicarmos a teoria à prática, e desenvolver estudos que sejam aplicados à prática. A Enfermagem é uma disciplina eminentemente aplicada, sua essência é o cuidado, para isso tem-se que formar profissionais preparados para prática baseada em evidência, centrado no paciente e nos postulados teóricos fundamentais da profissão – o cuidado, desvinculado da doença e do saber biomédico, da dominação e fragmentação das ciências positivas.

Gilvan Brolini

Os atuais desafios encontrados na formação de profissionais de Enfermagem, tanto de nível médio técnico, quanto na graduação não são verdadeiramente novos, pois residem, especialmente em duas frentes, a primeira no aumento desenfreado na oferta de cursos, iniciada a partir do ano de 2010, e a segunda pelo avanço dos cursos de graduação e até mesmo de cursos técnicos, na modalidade de Educação à Distância (EaD).

Andréa Mohallem:

Para oferecer um curso de graduação em enfermagem de excelência, considerando ensino de ponta, integrado à pesquisa, inovação e extensão, as instituições de ensino precisam se preparar para um investimento significativo e contínuo. A graduação em enfermagem requer uma infraestrutura robusta, que inclui laboratórios equipados, acesso

às mais importantes bases de pesquisa em saúde, contratos de parceria com hospitais e unidades básicas de saúde, além do um corpo docente que atenda, também, à supervisão de estágio curricular obrigatório.

Revista Nursing: Quais problemas levaram o Brasil a ter dificuldades na formação dos profissionais?

Sérgio Henrique Simonetti:

De acordo com dados do Censo da Educação Superior do Ministério da Educação (MEC) em 2019, o curso de Enfermagem é o quarto mais procurado, as estatísticas evidenciaram 326.750 mil matrículas realizadas no curso. Sabe-se que a enfermagem é uma profissão essencial é considerada nuclear na estrutura das profissões de saúde no Brasil e no mundo, e por ser uma profissão que atua na várias dimensões da saúde, na assistência (muito forte), na saúde pública, na prevenção e promoção da saúde e presente em todas as fases de vida do nascer ao morrer, confere a ela a noção sociológica, de essencialidade no âmbito das profissões. No entanto, ainda há a necessidade de sensibilizar e esclarecer junto à sociedade brasileira sobre o reconhecimento dos profissionais de enfermagem diante da divisão técnica e social do trabalho perante as categorias que os diferenciam em enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem de acordo com suas atribuições éticas, legais e assistências.

Edison Barlem:

Somos um país com proporções continentais, e com uma diferença gigantesca em termos de acesso, condições de saúde da população e estrutura das nossas instituições de saúde. E isso faz com que tenhamos



Sérgio Henrique Simonetti

Coordenador do Programa de Residência em Enfermagem Cardiovascular e do Núcleo de Enfermagem do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde Cardiovascular e Assessor de Pesquisa em Enfermagem do Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia (IDPC). Pós Doutor em Ciências pelo IDPC-USP. Doutor e Mestre em Ciências pela EEUSP. Residência em Enfermagem Cardiovascular pelo IDPC. MBA Executivo em Gestão da Saúde pela FGV. Informática em Saúde e Gestão Pública pela UNIFESP. Educação e Tecnologia pela UFSCAR.



Edison Luiz Devos Barlem

Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Diretor da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Pesquisador 1D do CNPq. Professor permanente dos programas de Pós-Graduação em Enfermagem e de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da FURG.

uma enfermagem muito diferente em cada um desses contextos e, de uma certa forma, tentar pautar uma diretriz central que venha a conduzir todo o processo de formação da enfermagem é algo que exige uma revisão constante, e um posicionamento muito forte das nossas bases de conhecimento e reflexão dos nossos pensadores e dos nossos produtores de ciência, de conhecimentos e de informações na área da Enfermagem.

Revista Nursing: Quais medidas seriam necessárias para melhorar essa formação?

Rosimere Santana:

Acredito que a formação com foco na identidade de enfermagem é fundamental. O ensino de Enfermagem fundamentado nas teorias de enfermagem, nos sistemas de linguagem padronizadas de enfermagem, no código de ética profissional, conhecendo a história de enfermagem, no exame físico associado para resolver diagnósticos de enfermagem, na educação e promoção da saúde, na liderança profissional, no aprender a se posicionar politicamente, na intervenção de enfermagem baseada em evidência, na capacidade de ser empreendedora e autônoma para medir o impacto de sua ação na prática. Logo, são necessárias constituir no aluno habilidades e competências capazes de aplicar o Cuidado de Enfermagem na Prática para a pessoa, a família e a comunidade.

Gilvan Brolini

A melhoria da formação perpassa tanto pelos investimentos na área da educação, que vem perdendo a cada dia suas fontes de financiamento e tendo seus recursos, já tão escassos, contingenciados, quanto

pelo maior comprometimento das autoridades públicas no sentido de coibir novas autorizações para a abertura de cursos que não atendam a um padrão mínimo de qualidade, em especial aqueles na modalidade EaD, modalidade essa que definitivamente não se aplica à formação de profissionais na área da saúde.

Andréa Mohallem

Controlar a qualidade dos cursos em um país com a dimensão e a população do Brasil não é tarefa simples. Medidas como maior nível de exigência na autorização de funcionamento e no reconhecimento dos cursos da área da saúde e aumento do número de bolsas de estudo e vagas FIES para alunos aprovados em cursos de graduação de qualidade são medidas que colaboram para a formação de enfermeiros. O assunto é importante, visto que, segundo a OMS, há risco de escassez desses profissionais nas próximas décadas.

Além de investimento financeiro, é necessário atualizar e inovar a grade curricular dos cursos de enfermagem. O Ministério da Educação dá autonomia às instituições de ensino, por meio das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), para criarem cursos inovadores e coerentes com o cenário regional, nacional e internacional de saúde.

Planos de carreira docente que considerem, além da titulação, as produções acadêmico-científicas (incluindo orientação de iniciações científicas) e a inserção em projetos de extensão motivam a equipe e permitem maior engajamento dos estudantes nos projetos que vão além da grade curricular.

Revista Nursing: Como a pandemia do COVID 19 afetou a formação dos profissionais de Enfermagem?



Gilvan Brolini

Possui graduação em Enfermagem pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2002) e é especialista em Saúde Pública. É Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. Atualmente é enfermeiro do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima e Coordenador da Câmara Técnica de Educação e Pesquisa do Cofen.



Andrea Mohallem

Andrea Mohallem é enfermeira, tem mestrado em Educação pela Universidade Mackenzie e doutorado pela USP. É gerente de Ensino no Einstein, coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem e mestrados profissionais em Enfermagem e Ensino em Saúde na Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein.

Sérgio Henrique Simonetti

O cenário da pandemia prejudicou diretamente o ensino dos estudantes de enfermagem. A modalidade do ensino requer que os alunos disponham de recursos para que tenham acesso às aulas, e que muitas vezes dependem de mobilizações de outros recursos associados como o acesso ou não a internet comprometendo o rendimento. Outro desafio enfrentado, foi do docente em repassar o conteúdo de forma remota e que estavam interligadas as atividades práticas e estágios, e a formação do enfermeiro é estabelecida por uma relação de confiança. Uma limitação significativa tanto no que confere ao processo de ensino aprendizagem quanto ao cuidado com a doença, impactou na relação da disseminação de conhecimento acurado e domínios específicos com relação ao processo saúde doença, bem como, a prática de cuidados inerentes à patologia e o contato com o paciente na construção da interação profissional e cliente.

Rosimere Santana:

Com a Pandemia do COVID-19 a prática de enfermeiros esteve temporariamente prejudicada, a formação de profissionais com poucas habilidades e competências práticas pode oferecer ao mercado profissionais inseguros e com necessidade de treinamento, em um momento de alta demanda de fluxo de trabalho. Além disso, apesar da empregabilidade, as altas horas de jornada, o risco de vida atribuída com a baixa valorização profissional promove evasão de jovens talentos da profissão, tanto do Brasil, como para outras profissões. Carece de incentivo político para evitar impactos sociais negativos de imperícia, imprudência e negligência na prestação dos Cuidados de Enfermagem.

Vanessa Pellegrino

Tivemos muitos impactos negativos, e costumo falar que também houveram os positivos. Houve suspensão de todas as atividades de ensino em março de 2020, e reformulação do curso para ensino remoto em 15 dias. Foi bem difícil pois os estudantes não tinham optado por um curso EAD, e também os docentes não estavam preparados e muito não trabalhavam com esse tipo de metodologia então foi um desafio.

Tivemos a retomada das atividades práticas de estudantes do quarto e quinto ano no mês de setembro de 2020 para o estágio curricular supervisionado. Foi um desafio, tínhamos o medo da contaminação e adoecimento de estudantes; planejar todo o oferecimento de EPs, isso tem sido um custo adicional para a Universidade; organizar todas as unidades de saúde que ocorrem os estágios para que os estudantes ficassem menos vulneráveis, então num primeiro momento assumimos unidades não COVID.

Dentre os positivos, acredito muito que a experiência que tivemos em atuar no auxílio a Secretaria Municipal de Saúde de Campinas nas campanhas de vacinação do COVID foi sensacional, tanto para nós profissionais, quanto para os estudantes que voluntariamente quiseram participar.

Revista Nursing: Qual o trabalho que o MPEA e o COFEN exercem na formação desses profissionais?

Rosimere Santana

O Mestrado Profissional de Enfermagem Assistencial tem o compromisso de formar profissionais de Enfermagem oriundos da Prática, para isso, desde a seleção são



Vanessa Pellegrino Toledo

Graduada em Enfermagem pelo Centro Universitário Herminio Ometto de Araras (1994), mestrado (2000) e doutorado (2004) em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo. Atualmente coordena o curso de Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP.

exigidos 2 anos mínimos de experiência e projeto de implementação de melhorias na prática no local de trabalho, ou de transferência de uma tecnologia para o seu local de trabalho, ou de desenvolvimento de tecnologias emergidas da prática. O Programa tem o objetivo de Capacitar enfermeiros para o exercício da prática profissional avançada e transformadora de procedimentos técnico-assistenciais, tecnológicos, educacionais e gerenciais nos diversos campos de atuação; Promover a apropriação e a transferência do conhecimento científico e inovação para a prática profissional, tendo em vista as demandas sociais, ou profissionais e do mercado de trabalho; Contribuir para formação profissional articulada com a solução de problemas agregando competitividade e visando melhor

desempenho produtivo das organizações e o desenvolvimento da sociedade; Qualificar profissionais que possam pesquisar soluções inovadoras e criativas sobre o processo de cuidar e de gestão do cuidado e desenvolver novas aplicações, gerando tecnologias mais adequadas em amplas áreas da atividade de enfermagem; Capacitar enfermeiros críticos e criativos para formulação, implementação e gestão das políticas públicas setoriais no campo da docência, pesquisa e serviços, numa visão humanística e ética em saúde. Portanto, busca-se capacitar o egresso de enfermagem com valores de Compromisso social, de Desenvolvimento Profissional, com ênfase em inovação e na Enfermagem de excelência.

Gilvan Brolini:

O Conselho Federal de Enfermagem tem travado, desde o ano de 2015, um embate constante no sentido do convencimento das autoridades quanto aos efeitos deletérios na sociedade, da formação de profissionais de Enfermagem de forma não presencial. Em outra frente o Cofen tem atuado, por meio de sua assessoria parlamentar, na proposição, bem como no acompanhamento de projetos que visam regulamentar e até mesmo proibir a formação de profissionais de Enfermagem na modalidade de EaD.

Revista Nursing: Como o MPEA e o COFEN avaliam o atual sistema de formação de profissionais da Enfermagem?

Rosimere Santana:

O Sistema de formação de profissionais de Enfermagem tem melhorado bastante nos últimos anos ao distinguir a Pós-graduação de Enfermagem em Profissional e Acadê-

mica. No entanto, ainda estamos em processo de solidificação, o MPEA foi o primeiro Mestrado Profissional de Enfermagem no Brasil, criado em 2002, e desde 2019 tem-se empenhado para uma aproximação objetiva e clara com a missão dos programas profissionais na instituição da Prática Avançada do Enfermeiro. Entretanto, sistemas de regulação profissional, ainda são necessários, assim como um processo/itinerário formativo da profissão com ascensão da carreira associado ao ganho salarial. Contudo, o sistema de avaliação da pós-graduação, que já se preocupa com a distinção de um programa acadêmico de um profissional, ainda valoriza a publicação científica e a ênfase no produto enquanto métricas de avaliação da qualidade de um curso de mestrado e ou doutorado profissional.

Gilvan Brolini:

Entende-se que o atual sistema de formação necessita de urgente reavaliação e reestruturação, visto que a formação é bastante deficitária, acarretando consequências por vezes desastrosas na assistência prestada à população, tendo-se como reflexo o aumento do volume de processos éticos contra profissionais de Enfermagem, junto ao Conselhos Regionais de Enfermagem.

Revista Nursing: Como a Universidade trabalha para que os alunos sejam atraídos pelo curso de Enfermagem?

Edison Barlem:

Vivemos um momento em que a pandemia nos colocou na vitrine, tanto no sentido de demonstrar o que éramos essenciais, e isso realmente chamou um grande número de pessoas que buscam um acesso ao emprego. E sabe que a área da

saúde tem uma possibilidade muito grande por conta de ser uma demanda crescente. Mas ao mesmo tempo, demonstrou o quanto o profissional está exposto a uma série de situações que fragilizam e dificultam o cotidiano de trabalho.

Na nossa realidade, temos tentado nos aproximar muito das atividades do ensino médio do município e da região, realizando atividades de apresentação do curso e de todas as disciplinas que têm possibilidade de fazer essa aproximação, tentando, de uma certa forma, fazer com que haja uma transição do conhecimento produzido tanto por nossos cursos de graduação na enfermagem, quanto pelos cursos de graduação.

Revista Nursing: Como a Universidade se adapta às atualizações que a área exige constantemente aos profissionais?

Edison Barlem:

A nossa busca de adaptação, está toda pautada em realmente transformar as nossas ações para uma forma mais dinâmica e compatível com a realidade do nosso mundo. Nesses momentos que realmente está mais ligado a questões tecnológicas, ao encurtamento de distâncias, a tentativa de se basear mais em vivência do que experiência, e realmente em fazer com que sejamos profissionais muito mais aptos a lidar com adversidades do que unicamente lidar com protocolos.

Vanessa Pellegrino:

Os docentes são avaliados periodicamente por meio de um relatório de atividades no qual temos que demonstrar todas as nossas atividades na graduação, pós graduação, extensão, gestão e assistência, além da participação em estudos

e pesquisas internacionais, já que estamos em uma Universidade de referência internacional em muitas áreas de conhecimento e a Saúde e a Enfermagem é uma delas. Ainda favorecemos por meio de auxílios a participação e o engajamento de estudantes e docentes em cursos, eventos e intercâmbios internacionais.

Revista Nursing: Qual o impacto causado por uma má formação do profissional de Enfermagem nos hospitais?

Sérgio Henrique Simonetti:

O profissional de enfermagem requer compromisso com o trabalho, com o cuidado e com o bem estar do paciente, exigindo deste profissional conhecimento e habilidades para lidar com as situações inerentes ao processo de trabalho, como sobrecarga física e exposição aos riscos psicológicos e psicossociais.

O profissional recém-graduado sente-se incapaz e, com isso, insatisfeito com seu trabalho, pois nem sempre conseguem realizar com êxito a função que é de sua competência, nem mesmo se acha capacitado para assumir determinados cuidados para com seu paciente, pela falta de habilidade, medo de errar e insegurança para iniciar determinados procedimentos, gerando situações que causam estresse e ansiedade.

Andréa Mohallem

As deficiências técnicas do recém-formado impactam, principalmente, sobre as áreas de “educação em serviço” ou “educação corporativa”, que têm como função oferecer treinamento para os profissionais da saúde quando ingressam nas instituições ou quando mudam de área

dentro de uma mesma organização.

O impacto é ainda maior quando essas áreas não têm equipes suficientes para oferecer os treinamentos ou quando não há, na instituição de saúde, uma política estabelecida de detecção de lacunas na formação dos enfermeiros. O custo que esse atraso gera é enorme.

Revista Nursing: Como os hospitais auxiliam o processo de formação dos profissionais?

Sérgio Henrique Simonetti:

Na contemporaneidade, os hospitais favorecem o serviço de educação permanente para a manutenção do processo contínuo da formação do enfermeiro na prática assistencial segura e com qualidade, baseando-se na construção de conhecimentos a partir das situações vivenciadas no trabalho. Ainda, os hospitais apresentam a possibilidade de cursar os Programas de Residências Multiprofissionais e Uniprofissionais que se constituem em cursos de pós-graduação Lato Sensu destinados a profissionais recém-formados na área da saúde, sob a forma de um curso caracterizado pelo treinamento em serviço, ou seja, formando para o trabalho.

Os programas têm como finalidade a formação profissional orientada para o processo de cuidado, focado na concepção de promoção à saúde, prevenção de doenças ou agravos e recuperação e reabilitação da saúde conforme as necessidades dos seres humanos, tendo em vista os princípios do Sistema Único de Saúde com direito à saúde e cidadania.

Andréa Mohallem

O Hospital Israelita Albert Einstein integra a Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein

(SBIBAE) que, além do Hospital, tem, por exemplo, atuação no ensino, pesquisa e inovação. O curso de graduação em Enfermagem do Ensino Einstein existe há 32 anos, quando foi autorizado pelo MEC. Nos últimos sete anos, outros cursos de graduação foram autorizados e fazem parte da Faculdade Israelita de Ciências da Saúde Albert Einstein (FICSAE): Medicina, Fisioterapia, Odontologia, Administração de Organizações de Saúde e Engenharia Biomédica. Aproximadamente 80% dos formados na graduação em enfermagem são absorvidos no próprio Einstein, nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e nos Hospitais Públicos que o Einstein gerencia.

Desde 2009, por meio de uma iniciativa inovadora, o Einstein instituiu o Programa de Recém-Formado, por meio do qual absorve e desenvolve os egressos do seu e de outros cursos de graduação em enfermagem. Estudantes do 3º e 4º anos também podem participar do processo seletivo anual e, uma vez aprovados, podem ingressar como estagiários. São 30 horas semanais de atividades, sempre sob supervisão de um enfermeiro sênior, que não coincidem com o horário do curso. O Programa de Recém-formado inclui também o Programa de Enfermeiro Júnior para os formados há até um ano e meio.

Durante a graduação, os estágios curriculares, assim como as monitorias e a iniciação científica, colocam nossos alunos em contato com o Hospital Israelita Albert Einstein e hospitais públicos parceiros, facilitando o acultramento nessas instituições e colaborando com a integração nesses locais quando o aluno se torna um profissional.

O Ensino Einstein conta com a área do Ensino Corporativo responsável por treinar profissionais que ingressam na instituição.